

*A PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA
E A PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA
DA MEIA-IDADE:
UM ESTUDO A PARTIR DE PERIÓDICOS
DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA*

Priscilla de Cesaro Antunes¹
Ana Márcia Silva²

resumo

Objetivou-se apresentar um panorama da produção acadêmica do campo da Educação Física, tendo como foco central o momento da vida identificado como meia-idade. Foram analisados 18 periódicos vinculados ao campo da Educação Física, no período compreendido entre 2000 e 2010, recuperando-se 79 artigos que apresentaram foco na meia-idade. Partiu-se da hipótese de que esse tema é pouco explorado, a qual foi confirmada visto que os artigos recuperados constituíram apenas 2% do total de 3.941 artigos publicados no período. Observou-se que, predominantemente: os estudos foram pesquisas de campo, realizadas com mulheres, num intervalo

1 Mestre em Educação Física e professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. E-mail: pri2602@hotmail.com

2 Doutora em Ciências Humanas, professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: amarcias@gmail.com

amplo de idades; os temas abordados foram os de aptidão física, doenças/fatores de risco, validação de testes/equações, adesão/motivação para exercício, concepção de envelhecimento, esporte, aposentadoria, necessidades especiais e sociabilidade. A análise dos resultados indicou que tais temas foram tratados a partir de uma perspectiva biologicista, enquanto a meia-idade foi caracterizada como um momento de declínio com alterações fisiológicas no organismo que trazem prejuízos para a vida; os autores têm recorrido a referenciais sobre velhice para analisar/refletir dados sobre meia-idade, e a doença, mais do que a saúde, foi o parâmetro central para os estudos analisados.

palavras-chave

Meia-idade. Adulto. Educação Física.

1 Introdução

O estudo visou apresentar um panorama da produção acadêmica³ do campo da Educação Física (2000-2010) sobre meia-idade, investigando como as pesquisas vêm abordando esse momento da vida, que tipos de estudos foram realizados, quais foram as temáticas associadas, como esse momento da vida foi descrito e interpretado e como se apresentaram as questões do corpo que envelhece e sua relação com as práticas corporais⁴ na produção científica em Educação Física, disponível em periódicos *on line*.

A idade adulta da vida, em uma compreensão simplificada do desenvolvimento humano, coloca-se entre a juventude e a velhice e, dessa forma,

3 Estudos dessa natureza fundamentam-se em pesquisas denominadas "estado da arte" (FERREIRA, 2002, p. 258), conhecidas "por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que buscam investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado".

4 Para Silva et al. (2009, p. 20), as práticas corporais são "fenômenos que se mostram, prioritariamente, em âmbito corporal e se constituem como manifestações culturais. Essas manifestações são compostas por técnicas corporais e são uma forma de linguagem, como expressão corporal. Constituem o acervo daquilo que vem sendo chamado de Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento". Este conceito expressa a busca pela superação da fragmentação identificada na constituição do ser humano e denota uma crítica à forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo; tenciona uma concepção de ciência pautada na objetividade e na neutralidade e externa uma preocupação com os sentidos e significados atribuídos às práticas corporais pelos sujeitos que as praticam.

compreenderia um período amplo da vida dos seres humanos. Contudo, este artigo tem como objeto central de estudo um momento mais específico situado ao final deste intervalo chamado idade adulta, o qual definimos como meia-idade⁵.

Falar de meia-idade pressupõe entender que essa fase da vida implica especificidades, heterogeneidade e complexidade. É supor que ser adulto não é um estado estanque, mas algo que experimenta a mudança conforme o contexto histórico e social em que está inserido. É considerar que existem múltiplas formas de viver a meia-idade e, portanto, torna-se difícil apresentar uma concepção única que a expresse. No entanto, faz-se fundamental, ao estudar essas pessoas, apresentar elementos que subsidiem uma compreensão mais próxima deste momento, necessária para que ele se consolide como objeto de atenção, investigação e intervenção política e social.

Segundo Sousa (2008), as noções de rotina, seriedade e formalismo, características associadas ao que denominou de “adulto padrão”, compõem o viver na meia-idade. Tais características permeiam a noção de trabalho como atividade principal desse momento, seguida pela expectativa de estabilidade financeira, ao encontro do que constataram também Almeida e Cunha (2003). Além disso, a relação com cônjuge e filhos, independente de residirem ou não na mesma casa, constitui a noção de família, também ela própria da meia-idade. Para Antunes e Schneider (2007), a meia-idade é o momento em que a pessoa volta seu olhar para si. Jorge (2005) ainda observou que os laços sociais, apesar de considerados importantes, encontram-se restritos em virtude dos filhos já criados, a existência de casamento de muitos anos, ou então desfeito, e a vontade de maior introspecção. Trindade (2002) estudou a chamada “crise da meia-idade” em homens, a qual pode levar tanto a uma produtiva reflexão quanto a uma estagnação na vida.

As transformações marcantes no âmbito da vida que ocorrem no período da meia-idade são consenso na literatura de diferentes campos de conhecimento. Essas mudanças têm na corporalidade sua principal forma de manifestação, dada a condição visível da materialidade corporal que deixa perceber, ao mesmo tempo em que incorpora o processo da vida, a experiência existencial marcada na carne. Essas mudanças da corporalidade revelam, assim, um caráter ambivalente da meia-idade, onde as mudanças são entendidas ora como ganhos para a vida (aumento de conhecimentos, experiência de vida e aprendizagem, segurança, sabedoria e tranquilidade,

5 Segundo Simões (1994), a Organização Mundial da Saúde define meia-idade apenas de forma cronológica, entre 45 e 59 anos.

amadurecimento e possibilidade de transmissão da experiência para outras pessoas), ora como perdas (limitações de ordem física e perdas na parte estética, redução da energia física, da capacidade de locomoção, da força, do condicionamento físico, cansaço, desgaste, fadiga, dependência e discriminação social) (JORGE, 2005; MELO; ANTUNES; SCHNEIDER, 2005; DUARTE; SANTOS; GONÇALVES, 2002).

O interesse por analisar esse momento da vida partiu da problemática de que se percebe na contemporaneidade certa predominância da negação do processo de envelhecimento. Estudos de autoras como Sant'anna (2002; 2001), Silva (2001; 1996) e Soares (2004) apontam que vivemos imersos em uma era de culto ao corpo. Nesse sentido, Moreira e Nogueira (2008, p. 59) destacam que envelhecer nesse cenário, marcado pelos valores da produtividade, da velocidade, da superficialidade e da aparência física superestimada, "transforma essa experiência, que é um fenômeno biológico 'inevitável', em um fenômeno cultural da ordem do 'indesejável'". As autoras evidenciam a tensão entre duas categorias complexas (biologia e cultura) que compõem o viver na meia-idade, uma vez que há um processo biológico em curso, mas que tem diferentes leituras simbólicas em determinadas situações histórico-culturais e, portanto, suas definições não são as mesmas em todas as sociedades (DEBERT, 1998; OLIVEIRA, 2004). Em nossa sociedade, o corpo adulto é o diferente da boa forma e, à medida que se transforma, aproxima-se do imaginário de inutilidade, feiura e desprezo. Diante disso, ele é provocado diariamente a converter-se, a tornar-se aparentemente intocado pelo passar dos anos, nem que para isso seja preciso liberar-se das marcas que contam sua história de vida, literalmente incorporadas pelo sujeito.

A Educação Física também ocupa lugar importante no conjunto de pesquisas e ações sobre o corpo, especialmente porque é um campo que se caracteriza, em grande medida, pela intencionalidade na intervenção. Além disso, está em constante contato com pessoas na meia-idade que buscam por práticas corporais de forma crescente e com diferentes objetivos. Diante disso, intentou-se verificar como o campo da Educação Física tem dialogado na produção acadêmica com essa realidade, visto que os olhares tendem a se voltar cada vez mais para a meia-idade e a velhice. Talvez, entre outros motivos, tal inversão ocorra como decorrência da inversão do perfil demográfico brasileiro, tal como identificado pelo IBGE (2011, p. 53), apontando que "o crescimento absoluto da população do Brasil nestes últimos dez anos se deu principalmente em função do crescimento da população adulta, com destaque também para o aumento da participação da população idosa".

Percebe-se um movimento em direção à preocupação com a população idosa, observado no incremento de pesquisas⁶ e políticas públicas⁷, restando investigar se esse movimento ocorreu em detrimento das políticas públicas e pesquisas acadêmicas voltadas à população adulta. Nessa perspectiva, partiu-se da hipótese de que a meia-idade constitui-se em uma temática pouco explorada no campo acadêmico da Educação Física, o que buscamos investigar na produção veiculada em periódicos *on line*.

2 Metodologia

A fim de contemplar os objetivos propostos, esta investigação foi realizada a partir da revisão sistemática da produção científica em periódicos do campo da Educação Física brasileira, selecionados a partir do site do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), o qual disponibiliza Consulta ao Catálogo Coletivo Nacional (CCN).

Utilizando a ferramenta de busca do CCN, foram inseridas as palavras-chave: “Educação Física” no campo “assunto” e “Brasil” no campo “país de publicação”, a fim de obter a lista de periódicos da Educação Física publicados no Brasil. Desses, foram selecionados aqueles que disponibilizavam artigos *on line* na íntegra, a partir do ano 2000.

O segundo momento metodológico constituiu-se em identificar os artigos referentes à temática de interesse: meia-idade. Para isso, o procedimento utilizado foi uma seleção manual da produção, realizando a leitura dos títulos e resumos de todos os artigos de cada edição dos periódicos encontrados e, quando necessário, recorreu-se ao corpo do texto. Foram selecionados

6 Os levantamentos realizados por Estud. Interdiscipl. Envelhec. (2010), Bohrer; Carlos (2009), Pinheiro (2008) e Carlos (2007; 2006) destacam a produção de teses e dissertações na Universidade Federal do Rio Grande do Sul acerca do envelhecimento no período de 2005 a 2009. As pesquisas de pós-graduação identificadas constituem um exemplo que permite observar interesse significativo de diferentes campos de conhecimento (educação, enfermagem, biologia celular e molecular, ciências médicas, ciências farmacêuticas, ciências econômicas, bioquímica, psiquiatria, farmácia, informática na educação, ciências em gastroenterologia, ciências do movimento humano, psicologia, odontologia, medicina, antropologia social, engenharia, letras, direito) pela temática do envelhecimento.

7 Notadamente, a Política Nacional do Direito do Idoso (Lei nº 8.842/1994), a promulgação do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), a criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso e a realização de três Conferências Nacionais dos Direitos da Pessoa Idosa (2006, 2009, 2011) aparecem como importantes indicadores nessa direção. Outro exemplo expressivo, realizado com forte apoio do fundo público federal, é o movimento Universidades da Terceira Idade que vem crescendo exponencialmente desde 1970, atingindo um montante de mais de 150 programas no país, de acordo com Veras e Caldas (2004).

aqueles que se propuseram a estudar pessoas na meia-idade em duas situações, quais sejam: trataram de temas característicos deste momento da vida⁸; definiram a população estudada como adultos e/ou por meio de idade cronológica (aproximadamente 40 a 60 anos).

Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo (MINAYO, 2008). Optou-se por realizar a análise a partir do ano de 2000, com base nos dados do IBGE referenciados acima, os quais indicam as mudanças demográficas pelas quais o Brasil vem passando; em especial, o fato de que, a partir deste período, a população do país passou a ser predominantemente de adultos e idosos. Esperou-se que tal realidade estivesse refletida na produção acadêmica brasileira, tornando-se um tema mais frequente e permitindo analisar suas formas de abordagem a esse momento da vida.

3 Apresentação dos dados

Os resultados indicaram o total de 61 periódicos da Educação Física, publicados no Brasil. Desse conjunto, 18 periódicos disponibilizavam artigos *on line* na íntegra, a partir do ano 2000, nos quais foram encontrados 79 artigos referentes à temática meia-idade.

A tabela abaixo apresenta o número total de artigos publicados nos periódicos analisados, o número de artigos encontrados sobre a temática meia-idade e o período em que foram encontrados artigos disponíveis *on line*, a partir de 2000.

Tabela 1 - Número de artigos publicados (AP), número de artigos sobre a temática meia-idade (AMI) e período analisado, por periódico.

Nome do periódico	AP	AMI	Período
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	432	21	2000-2009
Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano	460	15	2000-2010
Revista da Educação Física/UEM	339	08	2000-2010
Revista Motriz	357	08	2003-2010
Revista Mackenzie de Educação Física	219	06	2002-2010
Revista Cinergis	40	04	2007-2010

8 Tais como menopausa e aposentadoria.

Revista Movimento	312	03	2000-2010
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	287	03	2000-2010
Revista Brasileira de Educação Física e Esportes	183	03	2004-2010
Revista Corpo em movimento	181	02	2003-2007
Revista Movimento e Percepção	113	02	2004-2008
Revista de Educação Física (da Escola do Exército)	174	02	2000-2010
Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício	15	01	2003
Revista Arquivos em movimento	80	01	2005-2008
Revista Pensar a Prática	220	00	2000-2010
Revista Licere	195	00	2000-2010
Revista Motrivivência	210	00	2000-2010
Caderno de Educação Física: estudos e reflexões	124	00	2000-2010
TOTAL	3941	79	2000-2010

A produção enfocando a meia-idade na Educação Física representou 2% da produção total dos periódicos analisados, o que indica uma lacuna nos estudos sobre essa temática. Verificou-se que esse número correspondeu a menos da metade da produção sobre a velhice e estudos com idosos nos mesmos periódicos⁹.

Identificou-se que os termos utilizados nas pesquisas para fazer referência a esse momento da vida foram: meia-idade, vida adulta intermediária, adultos, adultos maduros, adultos velhos, homens, mulheres e masters, no caso de atletas. Percebeu-se que essas denominações nos estudos referiram-se a um largo intervalo de idades. Observou-se que as faixas etárias apresentadas variaram entre aproximadamente 18 e 60 anos, sendo que alguns estudos incluíram pessoas de até 94 anos¹⁰.

Verificou-se que dentre os 79 artigos analisados que abordaram a meia-idade na Educação Física, 75 constituíram-se, predominantemente, como pesquisas de campo; enquanto apenas quatro foram pesquisas do tipo bibliográfica, ou revisão de literatura.

Poucos artigos dedicaram-se ao estudo de homens na meia-idade. Treze foram realizados exclusivamente com homens, enquanto 30 foram feitos somente com mulheres. O maior número (32) referiu-se a estudos realizados

9 Um levantamento inicial foi realizado, incluindo artigos sobre adultos e idosos. Somente os da fase adulta foram destacados para a análise deste estudo. Foram encontrados 190 artigos sobre idosos.

10 Em contraste, quando os estudos se propuseram a estudar idosos, quase sempre a idade cronológica foi especificada acima de 60 ou 65 anos.

com ambos os sexos; porém, as amostras na metodologia dos estudos indicaram que o número de mulheres superou o de homens em grande parte dos casos.

Com relação aos temas recorrentes nos estudos, percebeu-se uma ênfase em assuntos relacionados aos aspectos biológicos do corpo adulto ou do corpo que envelhece, sendo poucos os artigos que enfocaram outras dimensões, o que pode ser observado na tabela dois:

Tabela 2 - Temas abordados nos artigos sobre meia-idade.

TEMA	Número de artigos
Aptidão física	37
Doenças e fatores de risco	22
Validação de testes e equações	5
Adesão e motivação para o exercício	4
Esportes	3
Concepção de envelhecimento	3
Aposentadoria	2
Pessoas com necessidades especiais	1
Sociabilidade	1
Programas de incentivo à atividade física para adultos e idosos	1

Nos artigos analisados, identificou-se que os assuntos abordados com maior frequência (37 artigos) foram os relacionados à temática “aptidão física”. Nessa, incluíram-se estudos sobre avaliação da flexibilidade, resistência muscular localizada, força, potência aeróbia, limiar anaeróbio, VO2 máximo, frequência cardíaca, agilidade, velocidade, capacidade funcional e composição corporal.

Observou-se que, dentre esses assuntos, dois tipos de estudo se destacaram. Em 27 dos 37 artigos, o objetivo foi avaliar os efeitos de um programa de atividades físicas sobre algumas das variáveis citadas acima. Outro assunto que perpassou com frequência essas temáticas foi referente aos indicadores de obesidade (IMC e percentual de gordura), presente em 24 artigos.

Nos estudos relacionados à temática “aptidão física”, apareceram com frequência descrições sobre as mudanças que acontecem no corpo em virtude do envelhecimento. Geralmente essas descrições concentraram-se no detalhamento da(s) variável(is) física(s) que foram objeto do estudo. Viu-se que, independente do periódico em que foram publicados, os artigos se referiram à meia-idade como uma fase de perdas das qualidades e capacidades físicas e desgastes nas estruturas óssea e muscular.

Uma série de termos repetiu-se nos artigos: debilidades, fraqueza, inflexibilidade, lesões, incapacidade, limitação, declínio, suscetibilidade a doenças, atrofia muscular, redução de níveis, decréscimos, dor, degeneração e perdas. Destaca-se a definição de Vale; Novaes e Dantas (2005, p. 34) como exemplo para ilustrar tal concepção: “o envelhecimento não é simplesmente o passar do tempo, mas as manifestações de eventos biológicos que ocorrem ao longo da vida e tem sido definido como uma perda progressiva das capacidades fisiológicas, culminando fatalmente na morte”.

Identificou-se, ainda, que em muitas dessas pesquisas, as descrições da perda da capacidade funcional e suas relações foram colocadas como justificativa dos estudos e vieram seguidas do reforço da importância da atividade física para minimizar os impactos do envelhecimento, para buscar uma velhice com mais qualidade, ou para recuperar as perdas características do envelhecimento. Pouquíssimos estudos desse conjunto fizeram menção a outras dimensões do envelhecimento, buscando considerá-lo como um momento de alterações na esfera biológica, mas também na psicológica e social.

Outra temática que apareceu significativamente foi “doenças e fatores de risco”. Vinte e dois artigos versaram sobre fibromialgia, diabetes, câncer de mama, mal de Parkinson, doenças coronarianas, doença vascular periférica, osteoartrose, sarcopenia e apoptose do músculo esquelético, incontinência urinária, depressão, hipertensão arterial, estresse, sedentarismo e internações hospitalares.

A abordagem teórica desses estudos assemelhou-se à dos artigos da temática “aptidão física”. O discurso corrente nestes textos também se referiu à meia-idade como um momento de declínio e debilidade, em que as mudanças ocorridas no corpo e a falta de atividades físicas colocam o indivíduo adulto como mais suscetível a doenças. A própria idade foi colocada como um fator de risco.

As relações saúde/doença foram analisadas a partir de formas convencionais e limitantes de determinismos (MATIELLO JUNIOR et al., 2008), ou seja, a concepção de saúde presente nos artigos supervalorizou a dimensão fisiológica do corpo, em detrimento de outras condições que, na perspectiva do campo da Saúde Coletiva, por exemplo, são igualmente importantes para a manutenção da saúde, compreendida como resultante de determinantes sociais. Para Minayo (2004), apesar dos grandes avanços, não podemos esquecer de que as novidades trazidas pelos estudos do campo biológico, os quais afetam o desenvolvimento da vida, passam por um cruzamento cultural e ideológico.

Na temática “validação de testes e equações”, foram incluídos os estudos referentes a metodologias de avaliação direcionadas ao público adulto, ou seja, pesquisas que validaram para adultos brasileiros equações e testes propostos para outras faixas etárias ou em outros países. Esses estudos demonstraram uma preocupação em desenvolver instrumentos capazes de avaliar de forma mais eficaz pessoas adultas e idosas. A justificativa mais presente foi o envelhecimento da população brasileira, fruto do aumento da expectativa de vida e redução da natalidade no país a partir da década de 1990.

Na temática “adesão e motivação para o exercício”, foram encontrados quatro artigos que apresentaram fatores de aderência e permanência citados por pessoas de meia-idade para a prática de exercícios físicos. Esses artigos contrastaram com dados que apareceram com frequência nos outros artigos. Observou-se nesses estudos que o envelhecimento foi abordado como um processo natural pelo qual passa o ser humano. A meia-idade foi marcada pelo fator tempo e a interação dos fatores biológicos, ambientais, sociais e comportamentais.

Os estudos de adesão/aderência e motivação/permanência dos adultos em práticas corporais tenderam a considerar essa dimensão mais ampla, uma vez que a fala dos sujeitos das pesquisas remeteram a ela. O que as pessoas relataram que as levam a praticar exercícios foi, de maneira geral, a melhora do condicionamento físico e da saúde, o fato de apreciarem estar ao ar livre, ser divertido, conhecer pessoas, aumento da auto-estima e alívio do stress.

Na temática “esportes”, foram encontrados três artigos, sendo dois deles visando identificar o perfil de liderança de treinadores de futebol. Outro artigo versou sobre o voleibol, o qual avaliou o movimento de recepção do voleibol executado por atletas de seleções mundiais.

Três artigos buscaram investigar a concepção de envelhecimento, dentre os quais um intentou identificar a concepção de pessoas de meia-idade acerca da atividade física e do envelhecimento. Outro realizou uma revisão de literatura sobre “envelhecimento saudável” em obras de língua inglesa, incluindo a identificação de críticas e desafios da área da Educação Física. Um estudo visou discutir alguns aspectos sobre o processo de envelhecimento de um professor de Educação Física, a eventual particularidade da profissão e os significados atribuídos ao corpo pelos professores.

Dois artigos trataram da temática da aposentadoria. Um buscou compreender os sentimentos expressos pelos professores universitários nos últimos anos da profissão e as atitudes perante a desvinculação das responsabilidades assumidas quando da chegada da aposentadoria e outro o impacto do término da carreira em jogadores brasileiros de futebol profissional.

Um artigo referiu-se a pessoas com deficiência mental e visou analisar a qualidade de vida de adultos com Síndrome de Down. Os autores indicaram que a expectativa média de vida das pessoas com Síndrome de Down, que era de apenas nove anos em 1920, chega a 56 anos em países desenvolvidos na atualidade. No Brasil, não existem dados precisos sobre isso, mas acredita-se que esteja em torno dos 50 anos (MARQUES; NAHAS, 2003). Dados como esse demonstraram, novamente, como o aumento da expectativa de vida tem direcionado o olhar das ciências para o estudo do envelhecimento, nos seus variados aspectos.

Foi encontrado um estudo referente à sociabilização por meio de práticas corporais em grupos de adultos e idosos e um estudo apresentou a estratégia nacional desenvolvida nos Estados Unidos para aumentar os níveis de atividade física entre adultos a partir de 50 anos de idade.

4 Algumas reflexões acerca dos dados

A partir da análise do conjunto de dados, apresentaremos algumas considerações acerca da produção encontrada, privilegiando a problematização das duas temáticas mais expressivas dos dados empíricos, quantitativa e qualitativamente, tal como indicado na tabela dois.

Observou-se no campo da Educação Física pouca produção científica a respeito de pessoas na meia-idade. Na produção encontrada, esse momento da vida apareceu em estreita ligação com a velhice e, em muitos casos, confundiu-se com essa. Como ponto comum entre as temáticas apresentadas, constatou-se uma carência de citações de estudos sobre meia-idade e identificou-se a prevalência de referenciais teóricos embasados em estudos sobre a velhice para analisar e refletir dados sobre o tema, independente do viés teórico-metodológico da pesquisa.

No contexto do material empírico analisado, foram apresentadas noções de envelhecimento reduzidas à concepção biologicista, ou seja, considerando esse processo como uma consequência de alterações fisiológicas no organismo que trazem prejuízos para a vida dos sujeitos, como já dito anteriormente.

Dos 79 artigos analisados, 44 deles colocaram-se na perspectiva de reverter o envelhecimento, dado importante e que mereceria uma reflexão coletiva por essa comunidade acadêmica. Os discursos presentes, em grande número, estiveram pautados num paradigma positivista de ciência, corroborando com uma visão pessimista desse processo. Assim, observou-se que ao mesmo tempo em que a produção científica se interessou pelo estudo do

corpo que envelhece, contraditoriamente, as pesquisas foram organizadas para que ele se mantenha jovem.

Os estudos de Silva (2001) mostram indícios que a ciência apropriou-se do corpo na contemporaneidade para conhecê-lo e mensurá-lo, em um contexto com muitas expectativas narcisistas. Nesse contexto de múltiplas exigências feitas a ele (SANT'ANNA, 2002), encontra-se a expectativa de manter-se sempre jovem, compreendendo juventude como sinônimo de bem-estar, beleza e, principalmente, saúde.

No caso da Educação Física, verificou-se na produção científica analisada que a maioria dos estudos justificou-se em nome da saúde e reafirmou uma constatação indicada por Matiello Junior et al. (2008, p. 39): a Educação Física baseia-se em “recortes limitados de disciplinas de bases biológicas e comportamentais e tem como objeto a aptidão física como principal (praticamente o único) mediador com a saúde”.

Ao apresentarem poucas alternativas que se contrapõem a essa concepção reducionista de saúde, as pesquisas analisadas acabaram por reforçar o imaginário de que a aparência de saúde – estética, ou comprovada por meio de adequação a parâmetros quantitativos – é que determina a condição de saúde e justifica qualquer intervenção sobre o corpo. Vê-se crescer na contemporaneidade a busca de pessoas, em especial mulheres, por programas de exercícios, cirurgias plásticas, tratamentos dermatológicos, dietas e uso de medicamentos antidepressivos, ansiolíticos e Terapia de Reposição Hormonal.

Percebeu-se a Educação Física, a partir dessa pesquisa, como um campo que apresenta propostas teórico-metodológicas em suas produções acadêmicas que podem ser inseridas no âmbito das técnicas e tecnologias de rejuvenescimento, uma vez que a maioria dos estudos produzidos apontou a possibilidade de uma espécie de recuperação do corpo. Por meio da prática de atividades físicas, os sujeitos que estão envelhecendo poderiam retomar uma condição de produtividade, velocidade, vigorosidade e aparência física, valores contemporâneos em voga.

Debert (1996, p. 4) coloca que a publicidade, assim como os manuais de autoajuda e as receitas de especialistas em saúde, “estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis e que, com esforço e trabalho disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada”. Foram apresentados nos artigos argumentos que acompanham essa expectativa social moderna de longevidade, como se fosse possível a manutenção da juventude, bastando ao indivíduo investir tempo e dinheiro no seu corpo (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

Dos estudos aqui analisados, poucos demonstraram preocupação em compreender o que representa a meia-idade na vida das pessoas com as quais se propuseram a estudar. O momento vivido pelas pessoas ao se depararem com o surgimento dos cabelos brancos, das rugas mais profundas e das mudanças corporais possui uma especificidade importante de ser considerada pela Educação Física, uma vez que trata dos temas saúde, corpo, ser humano e práticas corporais.

Alguns desses estudos reforçaram a escassez de referências sobre esse momento da vida. Para Gonçalves, Duarte e Santos (2001) e Duarte, Santos e Gonçalves (2002, p. 37), “os estudos na área de educação física, relacionados à meia-idade, são incipientes” e para Santos e Knijnik (2006, p. 24), “a meia-idade tem sido pouco abordada nos estudos [...], os quais têm dado muita ênfase à terceira idade”.

Com relação a outros campos de conhecimento, Duarte (1999, p. 45) afirma que “frente ao grande desenvolvimento que experimentaram a psicologia da infância e da adolescência, a psicologia da idade adulta e da velhice permaneceram adormecidas até os anos sessenta e inclusive setenta”. Segundo Oliveira (2004), a Psicologia não tem sido capaz de formular de modo satisfatório uma psicologia do adulto. A autora chega a afirmar que quanto mais novo é o sujeito, mais fácil compreender o ciclo de vida onde ele se encontra, porque há menos peso da cultura e porque as pessoas se assemelham mais quanto mais próximas de sua origem animal. Domingues (2002, p. 2) coloca que o tema da juventude tem destaque no campo das Ciências Sociais, “porém a ‘Terceira Idade’ acabou por assumir igualmente relevância para discussão, com pouco interesse tendo sido por ora despertado por outras etapas do ciclo da vida”. Nessa perspectiva, talvez, a escassez de estudos sobre meia-idade possa ser atribuída à dificuldade da própria ciência em abarcar esse fenômeno.

5 Considerações finais

Buscou-se apresentar um panorama da produção acadêmica do campo da Educação Física (2000-2010), descrevendo características dos estudos sobre meia-idade publicados nos periódicos científicos, na tentativa de contribuir para um exercício autorreflexivo deste campo de conhecimento, conforme preconizam as pesquisas do tipo estado da arte.

A partir da análise da produção científica em Educação Física sobre a meia-idade, marcadamente sobre o momento em que as pessoas começam

a sentir/refletir/reagir com as marcas do tempo, pôde-se perceber que essa temática é recente e pouco explorada. Esse cenário parece ser semelhante ao das ciências humanas e sociais. Os estudos referentes a essa temática foram, em sua maioria, pesquisas de campo, realizadas com mulheres, num intervalo bastante amplo de faixas etárias, indicando uma espécie de homogeneização dos comportamentos, interesses, necessidades e condições das pessoas adultas.

As atividades físicas foram colocadas como importantes para minimizar os impactos deletérios do envelhecimento, ou para buscar uma velhice com mais qualidade, e apresentadas como promotoras de saúde, sendo o entendimento de saúde/doença baseado em parâmetros numéricos e comprovações obtidas por meio de medidas antropométricas, testes e avaliações.

Além disso, constatou-se que os autores têm recorrido a estudos sobre a velhice para embasar suas pesquisas, que geralmente são relevantes no debate sobre a meia-idade, mas que, em alguns casos, tem substituído as discussões sobre esse momento da vida. Diante disso, confirmou-se a hipótese inicial do estudo e a importância de novas pesquisas sobre a meia-idade, recente temática para o campo da Educação Física.

Ao não compreender a meia-idade na sua especificidade, a Educação Física vem pautando as práticas corporais a partir de referenciais para a velhice ou dos parâmetros do treinamento esportivo, indicando apenas qual tipo de exercício, intensidade, frequência e duração são necessárias para a saúde ou tratamento de doenças “próprias” deste momento da vida, conforme evidenciou Antunes (2010). Este campo de conhecimento não tem investigado sobre os interesses, necessidades e valores que as pessoas na meia-idade atribuem ao seu corpo, à saúde e às práticas corporais. Assim, a rigor, não se sabe o que estes sujeitos pensam e quais são seus argumentos para justificar os “cuidados”, as intervenções e escolhas que destinam a suas vidas, lacuna que demanda investigações científicas como importante tema de pesquisa a ser desenvolvido no futuro.

O conjunto de temáticas abordadas nas produções evidenciou uma hegemonia de referenciais vinculados às ciências duras no trato com a meia-idade. Frisa-se que, dos 79 estudos analisados, 37 abordaram assuntos relacionados à aptidão física; 22 trataram sobre doenças e fatores de risco e 5 versaram sobre validação de testes e equações. Assim, avaliou-se que a produção que vem sendo desenvolvida na Educação Física apresenta limitações na medida em que poucos estudos deram indicativos de uma compreensão mais ampla sobre a meia-idade. Nessa questão, ainda cabe destacar que esses dados

mostram que é a doença, mais do que a saúde, que tem servido de parâmetro para os estudos desse campo, o que não deixa de causar estranheza. Cabe aí, portanto, a sugestão de novas pesquisas nesta direção.

Contudo, o mesmo conjunto da produção analisada mostrou que o campo da Educação Física também vem desenvolvendo debates a partir de outros referenciais, tais como os artigos que se preocuparam com os motivos que levam à adesão e motivação para o exercício, com a sociabilidade neste momento da vida, com as concepções de envelhecimento, corpo e atividade física e com as repercussões da aposentadoria no cotidiano.

As análises desenvolvidas indicaram que, predominantemente, as pesquisas mostraram pouca preocupação em compreender a meia-idade em sua heterogeneidade e complexidade. Independentemente do periódico em que foram publicados e das temáticas abordadas, os estudos, em sua maioria, caracterizaram-na como um momento de alterações fisiológicas que trazem prejuízos para a vida. Observou-se que a produção acadêmica da Educação Física vem adotando uma perspectiva biologicista, construindo sua produção de forma insuficiente perante a complexidade desse momento da vida. Destaca-se, ainda, que não se observou mudanças significativas nas abordagens metodológicas dos estudos ou na escolha das temáticas abordadas ao longo do período analisado. Tais indícios evidenciam, assim, essas debilidades na produção acadêmica, sendo que seu reconhecimento pode auxiliar no processo de autorreflexividade desse campo e suas perspectivas futuras, as quais, talvez, possam ser enfrentadas a partir de um diálogo interdisciplinar com diferentes campos acadêmicos, assim como com a filosofia e a arte.

BRAZILIAN SCIENTIFIC PRODUCTION
AND THE PROBLEMATIZATION
ABOUT MIDDLE-AGE: A STUDY BASED
ON PHYSICAL EDUCATION JOURNALS

abstract

The purpose of this study was to present an overview of the scientific production in Physical Education, focusing on the life moment identified as middle-age. 18 Brazilian journals related to the area were analyzed between 2000 and 2010, from which 79 articles focusing middle age were selected. The hypothesis was that this theme is poorly explored, seen that the selected articles represented only 2% of the 3.941 articles published in this period. It was observed,

predominately, that: studies were field researches, conducted with women, in a large age interval; themes were physical fitness, diseases/risk factors, tests/equations validations, adhesion/motivation for exercise, sport, aging conception, special needs, sociability and retirement. The analysis suggested that these themes were treated from a biological perspective, and middle-age was characterized as a decline moment with physiological changes in the organism that bring life damages; authors have used references about old age to analyze/reflect data about middle-age, and disease, more than health, was the central parameter for the analyzed studies.

keywords

Middle-age. Adult. Physical Education.

referências

ALMEIDA, Angela; CUNHA, Gleicimar. Representações Sociais do Desenvolvimento Humano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 147-155, 2003.

ANTUNES, Priscilla. *Corpo, saúde e práticas corporais: uma análise da produção científica da Educação Física acerca de pessoas na meia-idade*. 2010. 198 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ANTUNES, Priscilla; SCHNEIDER, Maria Dênis. Primeiras aproximações com o conceito de maturidade: um olhar a partir de uma realidade social feminina. In: FALCÃO, José; SARAIVA, Maria do Carmo. *Esporte e lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada*. Florianópolis: Lagoa, 2007. p. 61-82.

BOHRER, Kauê; CARLOS, Sérgio. Teses e dissertações sobre o envelhecimento produzidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e incluídas no sistema de bibliotecas no ano de 2008. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 135-158, jun. 2009.

CARLOS, Sérgio. Teses e dissertações sobre o envelhecimento produzidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e incluídas no sistema de bibliotecas no ano de 2006. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 11, p. 155-167, 2007.

_____. Teses e dissertações sobre o envelhecimento produzidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2005. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 9, p. 131-141, 2006.

DEBERT, Guita. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam. *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-68.

_____. A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 20., 1996, Caxambu. *Anais...* Caxambu: 1996. p. 1-16.

DOMINGUES, José. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, 2002.

DUARTE, Cátia; SANTOS, Cristiane; GONÇALVES, Andréa. A concepção de pessoas de meia-idade sobre saúde, envelhecimento e atividade física como motivação para comportamentos ativos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 35-48, 2002.

DUARTE, Lucia. Idade Cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 2, p. 35-47, 1999.

ESTUD. INTERDISCIPL. ENVELHEC. Teses e dissertações sobre o envelhecimento produzidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e incluídas no sistema de bibliotecas no ano de 2009. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 135-155, jun. 2010.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas "estados da arte". *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

GONÇALVES, Andréa; DUARTE, Cátia; SANTOS, Cristiane. Atividade física na fase da meia-idade: motivos de adesão e de continuidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 75-88, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2011.

JORGE, Márcia. Perdas e ganhos no envelhecimento da mulher. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 47-61, jun. 2005.

MARQUES, Alexandre; NAHAS, Markus. Qualidade de vida de pessoas portadoras de Síndrome de Down, com mais de 40 anos, no Estado de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 55-61, jun. 2003.

MATIELLO JUNIOR, Edgard et al. Superando riscos na atividade física relacionada à saúde. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 39-61, abr. 2008.

MELO, Cristiane; ANTUNES, Priscilla; SCHNEIDER, Maria Dênis. Desenferrujando as dobradiças: as práticas corporais na maturidade. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara. *Práticas Corporais: trilhando e (compar)trilhando as ações em Educação Física*. Florianópolis: Nauemblu, 2005. p.107-128.

MINAYO, Maria Cecília. Mudanças globais e tendências no campo da saúde no Brasil. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 15, n. 1, p. 69-80, 2004.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, Virginia; NOGUEIRA, Fernanda. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, jan./mar. 2008.

OLIVEIRA, Marta. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 211-229, maio/ago. 2004.

PINHEIRO, Luís. Teses e dissertações sobre o envelhecimento produzidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e incluídas no sistema de bibliotecas no ano de 2007. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 147-163, 2008.

SANT'ANNA, Denise. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz; VEIGA NETO, Alfredo (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 99-110.

_____. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Susan; KNIJNIK, Jorge. Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 23-34, 2006.

SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

_____. Das práticas corporais ou por que Narciso se exercita. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 17, n. 13, p. 244-251, 1996.

SILVA, Ana Márcia et al. Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, José; SARAIVA, Maria do Carmo. *Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in) tensas experiências*. Florianópolis: Copiart, 2009. p. 10-27.

SIMÕES, Regina. *Corporeidade e terceira idade*. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

SOARES, Carmem. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOUSA, Filomena. O que é ser "adulto"? As práticas e representações sociais – A Sociologia do Adulto. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 2008, Lisboa. *Anais...* Lisboa: APS, 2008. p.1-21.

TRINDADE, Ellika. *Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar à luz de Heidegger*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

VALE, Rodrigo; NOVAES, Jefferson; DANTAS, Estélio. Efeitos do treinamento de força e de flexibilidade sobre a autonomia de mulheres senescentes. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 13, n. 2, p. 33-40, 2005.

VERAS, Renato; CALDAS, Célia. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004.

Recebido: 06/05/2011

Aceite Final: 10/05/2012